

A CIDADE NOVA

E OUTROS CANTOS DE AMOR

Para L., que os inspirou

A CIDADE NOVA

É uma tarde denlunbrante. Há vento e um generoso sol na cidade. Nela eu caminho entre gente que não conheço, mas estimo. Nada perturba sua doce calma, nada é inamistoso e hostil. As perguntas e respostas, que antes eram aflitas, têm paz. O passado não pesa, nem o futuro tem dúvida. É o presente absoluto e firme: tudo inspira confiança. Meus passos caminham por espaços retos, com sossêgo. Parece haver canto e euforia, muita bondade nos rostos, muita quietude, tranquilas certezas, firmeza e decisão. Há, sobretudo, muitos jovens, e as crianças brincam nos jardins. Estou surpreso e, sem saber, indago se a cidade é que é nova, ou se não sou eu, e nova minha imagem, mais nítida o entendimento, a memória mais precisa, o pensamento mais ágil e consciente.

Avanço na perfeita simetria destas ruas, nesta arquitetura rara. Passa um homem velho, vagarosamente, apaziguado. Os homens lhe dão passagem, temendo perturbá-lo. Vem também uma mulher preta, de suave olhar, e uma criança pobre. Andam com tranquilidade. Tudo é unânime, livre e natural. Nenhum detalhe insólito na paisagem humana e harmoniosa; acredita-se que os perigos desapareceram da cidade nova. Há, sobretudo, um espaço luminoso, entregue ao nosso uso, ao vôo dos pássaros, ao respirar das plantas. Há silêncio. O ar é leve, limpo, aromado. Há uma liberdade desfrutada, como num campo onde germinam flores, numa atmosfera tênue, numa neblina fresca de aurora, no balançar das folhas.

Os homens andam sem desordem, num espaço dádivo; podem ver e admirar, conhecer seu caminho e seus vizinhos. Uma compassiva poesia inclina-se com doçura, entregando-se. Tudo é solidário, persuasivo e franco. Eis a plenitude, a confiança fraternal, a generosidade, a vida renovada.

A cidade é minha e nossa, suficiente, calma e majestosa.
Plantada na distância, feita para unir, para ser útil,
~~de~~ ^{dar} fé aos homens, caminhos bons e amistosos, tempo de meditação.
O amor que a construiu é farto, é o mesmo que a completa e avança.
Apenas fazendo um gesto, tudo vem ao nosso encontro.

É a cidade confiante, quieta e amiga, sem angústia.
Seu céu é sem tormenta, sua latitude sem limite, e arrojada.
Há-de existir para sempre, renascendo em cada dia,
nesta vida imortal que amanhece luminosa e orvalhada.
Seus filhos vão crescer num mundo de beleza radiante,
numa paz intensa, numa arquitetura calma, sem perplexidade e susto.
Este é seu teto, sua alegria pura e nova, sua esperança,
sua certeza firme, seu espaço aberto, conquistado à solidão.
Este é seu tempo, que se amplia e abre os caminhos do amanhã.

Brasília, cidade nova, pousada em nossa fé, pronta para erguer-se,
levando em suas asas uma humanidade nova, um sangue novo.
Brasília, seiva que amadurece na amplidão, neste anseio,
nesta fé que entenece e onde nossas forças se recriam.

CANTO A SAINT-EXUPÉRY

- I -

Agora tombas, Antoine, ferido de morte no combate aéreo,
tentas salvar teu avião, e caís sôbre o mar que sobe,
e caís e lutas, buscas o comando e a extrema fôrça, e desces,
rasgas o espaço vertical, uma calma intensa te possui,
voltas a lembrar tua vida, neste instante derradeiro,
o lar, tua mãe, tuas cidades, os companheiros, os pilotos,
as casernas, teus campos de pouso, os homens de teus livros,
o jardim de flores abertas, o deserto, tua cabana de madeira,
Cap Juby e tua solidão, as lembranças, parcelas da eternidade,
teus ouvidos cortando o espaço, os aviões que chegam e partem,
as buscas, o céu limpo, a quieta solidão dos ares, as aldeias,
ruas de Paris, amizades que enternecem, velhas bordando,
um piano, a doçura dos rostos que amaste, tua mulher, Consuelo.
E tombas, e desces, e lembras, tudo é nítido, pedaços de vida,
carícias de mãos humanas, abençoada paz, teus anseios, teu amor,
tua imensa ternura e tua liberdade, as decolagens, despedidas,
o primeiro vôo, as noites crescendo, o que olhaste do alto,
as tempestades, aterrissagens, o silêncio de motor parado,
teu leito, as tripulações cansadas que regressam, o calmo vento,
as planuras, os campos plantados, as pastagens e o manso gado,
os mecânicos com mãos cheias de óleo, tua mesa de trabalho,
a claridade astral, a terra firme, os lavradores, o mar, o mar,
êste conclusivo mar que avança, e cresce nesta morte vertical,
pássaro sangrante, quebrada asa. O impacto, o estrondo,
o talho na massa líquida. E afundas, e morres, e inerges,
e te afogas, e pousas, tudo enudece, o mar que cicatriza,
o profundo silêncio submarino, corpo inóvel, cemitério fluido,
inerte gaiota, louca úmida, imensidade e abismo, ventre oceânico.

- II -

Há quantos anos desapareceste, e agora te saúdo e te relembro,
Antoine de Saint-Exupéry, piloto e herói, combatente e escritor,
figura de lenda, homem humano, guerreiro, poeta e amigo enternecido.
Tua raiz fecunda, e vives. Há uma luz intensa em teu sepulcro,
perdido túmulo submerso em mar incógnito, onde crescem algas,
e estranhas plantas e flores marítimas, e o côncavo silêncio.
Muitos peixes rondam o oculto abismo onde pousaste, Antoine,
tanta doçura que se perde em teus olhos ainda abertos,
e que agora fertilizam as ondas, tanto viram o imenso espaço,
os vastos céus, grandeza sem limite, e homens e noites, e sorrisos,
restos cheios de amor e de ansiedade, tanto entenderam, amigo,
tanta vida tinham, tanta ausência recordaram, coragem e plenitude,
teus olhos decompondo, perdidas mãos, abandonado leme,
bússola partida neste êrmo infinito onde afogaste, companheiro,
conquistador de imensidades e de ventos, impulso que investiga,
latitude e marcos do insondável, bandeira transparente e frágil,
hóspede das noites e das nuvens, caule da leveza e do incorpóreo,
agora quieto e solitário em teu recanto do abismo, vida dissolvente.

- III -

Foste dono da amplitude e nela desliscaste, ave flutuante,
raiz sideral absorvendo o incerto, rumo e reta, planta aérea,
impulso e arrêjo, movimento que escapa e arremete, alada fuga,
coisa que dissipa, tempo efêmero, espaço movediço.
Depois que imergiste, amigo, ficamos sabendo, comovidos,
que foste um instante decisivo, piloto do sonho, radiosa aurora,
porção segregada do eterno. Tua calma submersa, teu silêncio
chegam ao nosso mundo como vozes; teu exemplo já fecunda e atua.
O que ganhamos também nos deste, foste um passo e um futuro,
e todos te saúdam, Antoine, e guardam tua história como lenda.
Mandamos te dizer que outros rasgam o espaço, teu espaço,
companheiro das estrelas, confidente indissolúvel e solitário.

Buscaste uma dimensão maior, mais livre e mais aberta, a vastidão,
a liberdade, a infinita altura, as nuvens que se abrem, o voo.
Assim serviste, e foste atento e solidário, teu mundo é verdadeiro,
teus livros nos comovem, semente de amor e de esperança.

- IV -

Os homens te consagram e amam teu pequeno príncipe, teu símbolo.
Sabem que és eterno e te encontram na distância que transpõem,
nesta imensidão, neste amanhecer e nesta luz. Vãos conosco,
sobes e vais à Lua. Tuas mãos ainda comendam, e a gem e crispam.
Todos os pilotos te conduzem, comandante, e são teus confidentes.
Há um glorioso hino que te exalta e canta nos espaços,
há uma alegria que deslumbra, há uma paz pujante que nos deste.
O respeito ao homem, que pediste, começa a ser ouvido, amigo nosso.
Há uma esperança farta e grande, há uma confiança ardente.
Tua ternura nos envolve e nos penetra. Tocas em nossa alma,
e cada sorriso que se abre nasce em tuas mãos eternas.
Há uma música que desce de um horizonte luminoso,
e nos exalta como substância e vida. Há grandeza e símbolo,
há um espanto e uma emoção, e tudo se conquista.
Como tu, também os homens têm necessidade de ser livres.
Estás nos céus, no que é belo e puro, nesta vastidão.
O que escreveste nos fala com ternura. Teu coração lateja,
tuas asas sulcam um caminho banhado de sol, teu sangue expande,
tua imagem sobe e cresce e alcança uma grandeza universal,
Antoine de Saint-Exupéry, pastor do vento, piloto da aurora.

X ✓ 6

MELODIA DO BÉRÇO AO TÓMULO

Há muito tempo, onde nasci, numa manhã de agosto,
que era bela e morna, passei sob uma janela
de uma casa velha e pobre, em triste e solitária rua
da cidade triste, e lá havia uma sala pobre e velha,
com cadeiras tóccas de palhinha, e canapês, uma mesinha,
vasos e flores desbotadas e, ao fundo, um piano velho
que uma menina triste tocava, de vestido pobre e limpo,
os olhos tristes, as finas mãos, o rosto branco e delicado,
as tranças pretas caídas levemente, enquanto executava
a música que era triste, nem me lembro qual e de quem era,
pois foi há muito tempo, e essa menina, como recordo,
sentiu que alguém, parado na calçada, a via e ouvia,
vendo que era triste a sala, e belos os olhos da menina,
que era triste, e me sorriu tristemente, e nada disse,
e continuou a tocar, quando pedi que não parasse,
mas - ai de mim! - tão importante, o sortilégio se perdera,
nesse instante só, e a música souu triste, o som tão pobre,
que a sala, antes fascinada e bela, ficou sem luz e morta,
e caminhei, seguindo a rua, fui ao rio de águas turvas,
seguindo entre arbustos e barrancos, onde eu tanto ia, desde cedo,
e via o tempo deslizando nelas, e pescadores e lavadeiras
que lavavam pobres roupas de maridos pobres, e camisas de fustão,
lenços, toalhas e lençóis onde dormiam, e por lá fiquei,
refletindo sôbre o tempo e as idades, sôbre aquela música
que o piano recriava na manhã de sol, na luminosa vida,
que eu mal sabia e conhecia, tão criança era, e tantos anos foram,
tão profunda ficou esta lembrança, até hoje recordada, conhecida,
nesta memória estremecida, nestes anos posteriores
desta infância que recordo, e fui vivendo e revivendo,
e as lembranças e esperanças sucedendo e se perdendo,
lentamente, a alegria indo e vindo, a curiosidade sem fadiga,
os amargos dias e as inquietas noites, o encanto derrotado,

as dolorosas penas se alternando, o contentamento transitório,
até que, na noite imensa, novamente a ví e ouvi, na grande sala,
o piano enorme e negro, e outra era a música, mais pura e límpida,
e seu vestido mais claro, mais calmo seu olhar, mais claros seus cabelos,
carnosas suas mãos, de esquiva ossadura e leve seiva,
pura sua anatomia, de onde erguia a melodia, e se ampliava
num acôrdo imprevisto com o sonho, de inflexões sutis,
de puro movimento e graciosa ondulação, de forma mais precisa,
de inteligência e calma, como num minuto decisivo, que não morre,
mas tão longe para a curta vida, que os tempos custam a conquistar,
que eu mal supunha, sem defesa, fôsse você que o perdido encanto
revivesse, da menina pobre da escura sala, e outro son criasse
para meus pobres ouvidos envelhecidos que tantos sons ouviram,
tantas modulações inúteis, e ruídos e estampidos de uma guerra inteira,
sem entender, como as crianças que brincam entre bombas e chacinas,
e gritam e correm, e perguntam, sem saber, porque matam e morrem,
se dormem os pássaros, repousam os bichos, as flores ficam quietas,
mansos os rios, dóce a brisa, enquanto as bombas caem nos jardins,
como meteoros de um céu sinistro, que as crianças julgam ter anjos
que tocam harpas, como você tocava as teclas na noite que relembro,
daquela música que apontava a direção essencial, a verdade,
o símbolo da grande calma, desta arquitetura de carícias
que invadem minha alma que geme sob um plano de sangue,
de tecidos transparentes, de imagens místicas, de alegrias e tormentos,
das profundezas ou das tênues superfícies, de fogo e soluço, desta fé
que me envolve, nesta noite atravessada por um clarão de angústia
que minha alma levanta de um só golpe e faz retornar ao ventre
e ao bérço de uma infância, e nele fica quieta e vigilante,
nesta inquieta noite de silêncio que arqueja e estremece,
e onde a raiz fecunda e a memória se entrega a seus dedos,
como meus sentidos estão sob seus lábios e sua respiração,
que me toca como orvalho, e pouca em minha frente exaurida,
como a melodia que arpeja como um diálogo de emoção e frêmito,

comunicando-se por mil contatos maravilhosos e sensíveis,
pela ternura deste anseio, a eternidade deste instante de pareça,
deste tempo de viver e de amar, da melodia de meu tîmulo,
de meu lirismo apaziguado que se dobra e se aninha em suas mãos.

✓ 9

UM HOMEM EM NÉVOA

Sou um homem em névoa, sem contorno definido,
e minhas sombras envolvem as linhas difusas de meu corpo.
Minha inquietação, minhas dúvidas, meus momentos de fraqueza,
esta ambígua condição de ser e agir, de reagir e recuar,
até meus vícios e as tentações do ardil me atormentam.
Se fôsse escolher, por um processo seletivo,
ofereceria unicamente uma certeza íntegra e sem equívoco,
uma bondade fecunda, uma serenidade refletida;
a ternura de um gesto e um coração estremecido de doçura,
a alma ansiosa e o pensamento ativo.
Assim desejaria que me compreendessem claramente,
e não o que interpretam e sou, com a astúcia que confunde,
a sabedoria falsa, a idéia vaga, inexata a figura,
frágil a vontade, efêmero o sentimento, ardilosa a voz,
fictícia a emoção, insensível a força de agir.
Sou um corpo inacabado pela pressa e o arrôjo.
Sinto crescer uma vontade de pureza, de verdade e federação,
um ímpeto de ação, uma força renovada, um símbolo completo,
uma generosidade simples, humilde, direta e firme.
Um homem em névoa busca, sem fadiga, o entendimento humano,
a verdade pródiga, de seiva boa e farta.
Busca, sobretudo, uma verdade pessoal, secreta e íntima,
capaz de iluminar, esclarecer e convencer a si mesmo, e aos outros,
como um sol que dissipa o ar monótono que o entorpece e esconde.

Abrir os olhos é lembrar-se que ela existe e o ama.
É sentir uma ternura intensa na memória, e estremecer.
Lembrar-se que a vida recomeça em sua boca, em seus olhos,
neste sol amanhecendo, nestas árvores, nesta terra unidecida.
Ela existe e ele existe, os que se amam neste dia,
e em todo o dia, nesta eternidade do amor, nesta ternura imortal,
nesta madrugada de oferenda e de beleza deslumbrante.
É teu o dia, minha amada, e nele a vida se renova,
abre-se a terra e nela caem sementes que fecundam.
Há luminosas cores pelo espaço, os galos cantam,
respiram as chaminés, o fogo acende, mastigam os bois,
jorra o leite, crianças se amamentam, há preces, há emoção.
E acordas, preguiçosa e quente, nesta luz que avança
e radiosamente vai pousar em teus cabelos e em teu rosto.
Os pensamentos nascem, o mundo é sem antagonismo, há certeza.
A atmosfera é de familiar doçura, é puro meu amor que acordas.
Estamos vivos e pulsamos, a cidade é nossa, nela residimos.
Há uma esperança e um desejo ardente. Estamos solidários,
nosso amor é certo e forte, a melodia enternece, é bom viver,
os namorados se encontram e caminham lado a lado, fazem planos,
têm paz e confiança, os corações têm fé e são pacientes.
Existes, minha amada, neste mundo de anseios que palpitam.
Tudo é nosso: estas ruas, esta poesia de estranha sedução.
Posso colher as flores e colocar a rosa em teu regaço.
Há grandeza e criação, tudo é para nosso gozo e nos pertence.
Sei que te amo, que me amas, que somos dois, e somos muitos,
neste dia que é nosso, eternamente, renovado em nossa fé.

✓ 11

O ABISMO

O mundo a meus pés, parado.
Meu corpo no espaço, atento.
As estrelas no infinito, cegas.
Meu espírito no tempo, inerte.
O mundo a meus pés, inquieto.

Agora acordo do infinito,
a frente no vidro da janela.
Rompe-se o silêncio ~~na~~ treva,
entram ruídos ^{da vida} do mundo, intensos:
o galo lembrando o sem-fim. O tempo.
O lobo clamando a claridade.
O pássaro da esperança. O eterno.

Tudo se apaga no espaço e na memória.
O infinito fica leve e puro, ao nosso alcance.

Meu corpo na terra, a escura terra
que ^{me} ~~o~~ enterra neste abismo, nesta angústia,
neste anseio de quietude, ~~e~~ de repouso.
Meu espírito no corpo exausto. ~~A~~ morte.

UM HOMEM SEM DESTINO

Dentro da noite, quando a cidade se aquieta,
há sempre alguém que caminha sem destino,
indiferente ao tempo, ao rumo e à sensatez.
Dobrado sobre sua solidão particular, tem passadas lentas,
mergulhado em sua fatigada melancolia,
seus passos tomam um compassivo itinerário.
Ser ocasional, leva um mistério esconso,
lançado às circunstâncias e ao imprevisível,
perdido em si mesmo, cheio de perigos, inútil e indefeso.
Avança sobre metros e centímetros, na rua inóspita,
pisa um espaço de aflições e indecisão.
Alguém o poderia socorrer? Uma mulher que o ampare?
Ninguém. Somente ele, com seus pensamentos solitários,
seu desassossego, sua inércia difusa e amorfa.
Terá família? Livros? Coisas de que se orgulhar?
Talvez uma mulher calada que o espera num quarto triste,
sem compreender, incapaz de qualquer auxílio.
E o homem avança, enigmático, recolhido em seu dilema,
como forma feia, absorta e sonolenta, erigida e intranquila.
É possível que ele morra. Outros, do mesmo tipo e aparência,
se mataram, solitariamente, sem deixar nenhum bilhete.
Ser noturno, de lirismo atormentado, sem repouso, avança,
até que a noite se extingue e começa a nascer um novo dia.
A claridade irrompe com firmeza, cobrindo o espaço e o mar.
O homem sem destino se afasta e some, enquanto um sol de minúcias
cobre a terra, lançando uma sombra no abismo sem resposta.

Estou quieto e vigilante nesta noite de silêncio e anseio.
O mar é a prolongada voz neste tempo tenso, neste espaço denso.
Há uma calma que arqueja, nesta imensa noite.
Há estrêlas que estremecem e sombras que meditam.
Meu pensamento a busca entre os lençóis brancos e leves,
os puros lençóis que a cobrem e o travesseiro em que repousa,
e onde seus cabelos são raízes de sonho e quente seiva,
e a terra o leito, irrigada terra onde dorme meu amor,
sementes fechadas, imóveis pálpebras, e ~~uma~~ a respiração é vento,
adornecida a alma que fecunda, quieta no sangue, seu abrigo,
enorme e tenra, como fruto, nesta noite tímida que se entrega,
confidente e próxima, e que parece ouvir esta ternura,
Este carinho que lateja neste dia e nesta noite eterna.
Meu lirismo atormentado recosta-se em seu colo, neste ninho,
e ali fecunda uma esperança, um céu aberto, uma certeza indômita.
Por este espaço vaga meu desejo, um gesto que desperta,
a espera de uma brisa que desliza, a névoa que recobre,
a espuma que evapora e fecha o ofêgo de meu peito,
ansusta a substância de meu ser, ressoa em meus ouvidos,
abre meus sentidos e minhas mãos que sonham, minha pele, meu amor.
Tanta ternura e tanto agrado, carícia amada, magia e encanto,
que tanto canta e me comove. Este tranquilo sono me conforta
nesta noite densa e ardente onde dorme esta mulher que protejo,
como solitária sentinela, debruçada como caule,
e a vejo e defendo, recolho em minha mão, aspiro seu aroma,
tranquilo objeto, forma imóvel e palpitante,
respirando como um tronco concentrado, madeira de sono,
fragilidade e sonho, entrega e desapareço, fôlha tênue.

Durma em paz, que estou atento e diligente, pronto a servir.
Meu pensamento está alerta, minha lembrança é ágil,
como um sol noturno, nesta noite quieta, nesta hora enternecida.

Quero que o mais belo dia a desperte com luz pura,
 e a claridade avance, sem manchar, por sôbre um espaço brando,
 neste quarto de sombras e quietude, sem ruídos, leve como sêda,
 entrando radiosamente, até pousar em suas pálpebras transparentes,
 e a despertar sem sobressalto, como pássaro, desfeita a noite,
 escondido o sonho, recomposta a fôrça, revigorada a ação,
 diluída a névoa neste sangue intenso, na memória que acorda.
 Vai a claridade tocar estas retinas que desvendam,
 nos olhos que distinguem e agora entendem, ainda inóveis,
 nesta claridade que caminha com minúcia, abrindo rastros,
 descobrindo formas mais nítidas, sinais minuciosos.

O sol é generoso, a amizade é grande, nada pesa, nada cansa,
 na manhã sem indolência, de linhas luminosas que o vento agita.
 O ar tem disciplina, os passos se ordenam, é reta a direção.
 Ainda é tênue esta mulher que acorda nesta incerta hora,
 nesta atmosfera de familiar ternura, de memória conservada.
 Há um aroma de verniz e tinta fixada, há um perfume indefinido.
 É um amanhecer de encantamento e de murmúrio insone,
 de respiração tranquila, de fôrças que se erguem lentamente.
 Tudo sobe/ deste leito e cresce como fôlha e seiva,
 como germe e pétala, corola e pólen, semente e adubo.
 É puro e belo meu amor que acorda neste acomodado instante,
 nesta harmonia cuidadosa, neste pensamento preparado e lúcido.
 As imagens nascem, renascentes, neste tempo fecundado,
 neste mundo sem antagonismo, neste sol desfrutado,
 neste corpo consciente, nesta voz que se articula sem esforço.
 Há tanto a dizer e confessar que fico aflito e palpitante.
 Avance neste chão limpo e a tomo em meus braços,
 conduzo-a à janela e a faço ver esta manhã, esta luz, esta cidade.
 Esta gente nos conhece e é nossa a terra onde nascemos.
 Aqui moramos, estamos juntos e solidários, companheira e amiga,
 aqui vivemos e agimos, aqui falamos aos amigos e os entendemos.
 Há uma emoção e um desejo ardente neste dia,
 há um grito de alegria, uma festa que sepulta a impaciência.

Vivemos e nos amamos, nada nos ofende e nos diverge.

Nosso amor é certo e firme como a esperança. É comovido este anseio,
ardente esta doçura, penetrante esta fé e esta confiança.

Busco-a como asa e impulso, e vibro e pulso como descoberta.

Minha segurança se equilibra, meu gesto é criativo,

minha certeza é sem pretexto, meu instante é racional.

Despertamos, meu amor, é novo o dia, esta é minha vida,

é nosso o tempo, há gente, coisas e objetos que são nossos.

Há risos, crianças e cores deslumbrantes, há uma melodia eterna.

Podemos tocar e sentir, tudo nos pertence, para nosso uso.

Esta prodigalidade é para desfrutar e amar.

Temos força e saúde, vontade e plenitude, infinitos poros de viver.

Não há nenhuma indecisão e nem o temor nos atormenta.

Foi nossa a noite e nela convivemos, num lirismo trêmulo e sensível.

Foi nossa esta noturna poesia de estranha beleza e sedução.

Somos inteligíveis e tudo nos pertence: ruas, caminhos e plantas.

Posso colher as flores e colocar um lírio em seu regaço.

A humanidade nos estima e roçam em nossas pernas os animais.

A terra nos sustenta, podemos subir, há montanhas que nos esperam.

Há mares e oceanos para nossa fuga, distância para nosso sonho.

Há este encanto de viver e de existir, esta delícia, este afago,

esta fecundidade de amar e de nascer, esta vitalidade renovada.

Somos sábios, temos filhos e erguemos fábricas, abrimos rotas,

podemos pensar e sentir, criar e ter coragem, vencer e não.

Veja este mundo da janela, agora que amanheceu e o sol triunfa:

recoste mais seu corpo, debruce-se, respire fundo, abra os olhos,

largue sua alma em minhas mãos, entregue sua ternura e sua emoção.

Vivemos, meu amor, estamos juntos, solidários, cheios de esperança.

CRONOLOGIA HUMANA

- I -

Em duzentos milhões de anos é calculada nossa idade.
Fomos, no começo, somente um ser zoológico, feroz e rude.
O homem sábio, dotado de reflexão, com o poder do pensamento,
este surgiu mais tarde, pronto para criar um ^{tempo} ~~humanidade~~ novo.
Aparece no extremo asiático, no período paleolítico;
mera nas cavernas, nos abrigos sob a rocha, procura meios de ação.
Com o passar dos tempos, lentamente, torna-se melhor, mais forte.
Condições propícias o ^{fazem} ~~tornam~~ mais perfeito e harmonioso,
com vontade criadora, inteligência ~~mais~~ ativa e mais audaz,
espírito racional, capaz de deduzir e manejar um mundo dútil.
Depois, na civilização da pedra-nova, ^{que chamam} ~~chamam~~ neolítica,
aprende a polir, torna-se pastor, domestica os animais,
faz-se agricultor, desbrava as matas, transpõe os rios,
seleciona espécies vegetais, lavra a terra, planta sementes,
constrói cabanas e melhores moradias para abrigo.
Torna-se gregário, forma sociedades, prepara sua defesa,
organiza-se para as guerras e o trabalho, exerce os metais,
utiliza o cavalo em seus ^{ofícios} ~~mistérios~~ e viagens, amplia sua ação.
Usa a roda e o ferro, fabrica utensílios e armamentos.
As raças passam a misturar-se. Há migrações e guerras de invasão.
As civilizações mais fortes começam a dominar,
enquanto o homem traça as rotas, vaga em nomadismo,
vai, depois, buscar as regiões de caça e pesca,
persegue as manadas de animais bravios, que ele ^{submete} ~~domestica~~.
Começa a plantar, fixa-se na terra, colhe os alimentos,
faz a primeira liga. Do cobre e do estanho tira o bronze,
da toção dos animais e do mundo vegetal retira as fibras têxteis,
e com elas tece as vestimentas, faz abrigos contra o frio.
Cria depois as civilizações diferenciadas, expande as trocas,
amplia o comércio e as conquistas do conhecimento e da cultura.

Começa a forjar impérios, avança seu domínio em toda a parte.
~~em nome de sua própria e obscura força primitiva.~~

- II -

De seres circunstanciais, arcaicos e transitórios,
 começa a surgir uma figura de qualidade mais sensível,
 mais ordenada, composta de acertos e inflexões mais justas.
 Adquire uma potência estável e duradoura,
 por meio do trabalho ~~mais exato e mais preciso~~ e exato.
~~Não há harmonia e um equilíbrio mais sensato.~~

De um todo incoerente e amorfo, inarticulado e rude,
 surge um ser mais denso, de sangue ~~mais~~ ardente,
^{com} ~~uma~~ força consciente, ~~uma~~ ação mais criadora e fértil,
 capaz de ^{impor} ~~fazer~~ costumes depurados, instituições estáveis,
 sistemas e conceitos, regimes políticos ^{cultura e ideologia} ~~desenvolvidos~~,
~~capaz de~~ ^{mitologia e} liturgia, ~~crenças~~ e religião, ^{tática de guerra} ~~comandos de batalhas~~,
 submissão de raças ~~subalternas~~, ^e aviltamento, ^e escravidão.
 Gera ^{de} ~~a~~ ^{contrastes} ~~a~~ profunda ^{de} ~~contradição~~ da grandeza e da miséria.

^{Na} ~~a~~ história avança, a terra amadurece sob a sombra humana,
 a vigorosa marca de suas mãos ~~e pulsas~~, de sua força soberana.
 Em todas as latitudes e distâncias ~~e nome~~ realiza o temerário,
 satura a vida de seu arrêjo e sua inquietude, submete e transforma,
^{impõe} ~~irrompe~~ sua vontade, ergue civilizações ~~eternas~~, e nelas se sepulta,
 como um monumento. Estende a cronologia imortal: / Egito, / Assíria,
 Babilônia, Hebréia, Fenícia, o Império Medo-Persa, o caminho das Índias,
 Grécia, Roma, a Idade Média, a Renascença, nossos dias.

- III -

Equipado de instrumentos de pesquisa, cria a Astronomia,
 começa a explorar o universo. Seu olhar é fascinado,
 rompe as conjeturas e os axiomas, começa ^{uma} ~~uma~~ conquista ~~realiza~~.
^{reio de} ~~em todo~~ um caminho de glórias: Brahe, Kepler, Newton,
~~Galilei~~ Galilei, sábios e pesquisadores. Os pioneiros avançam,

realizam o conhecimento do mundo e de suas leis fundamentais.

Galilei morre por ser lúcido, ^{antecipa a verdade,} ~~descobre as coisas.~~

Um pressentimento vago, são épocas de contradições ^{e profecias} ~~trágicas.~~

^{onde} o homem ~~é capaz de~~ decifrar o abismo, e nele ^{se} ~~projeta~~

~~é a figura de um sábio, mas inventa meios de progresso,~~
~~figura de símbolo e de espáreo, enigma e dilema, vazia plenitude.~~

Forçado a deslocar-se por seus próprios meios,

~~o homem~~ ^{lo instigado} leva-o a descobrir a ^{forma, para} ~~maneira~~ de flutuar,

~~de~~ mover-se nos rios e nos oceanos. E o homem ~~parado,~~ ^{atual,}

arroja nas distâncias sua gloriosa sombra, sobe nas alturas,

rasga o vento, traça ~~se~~ caninhos de ar, barqueiro ~~alado,~~ ^{sidereal,}

piloto das auroras, descobridor das ~~constelações,~~ ^{estrelas e planetas,}

herói navegante que adormece no ventre líquido, ^{nos} ~~afunda~~ abismos,

^{na} profunda paz inersa, prisioneiro ^{submerso} ~~transido~~ ~~do~~

companheiro das algas, conchas, peixes e moluscos.

Conquistador alado, ~~e submerso,~~ ^{vagas,} habitante dos ventos e das ~~ondas,~~

leva adiante uma mensagem, transporta seu triunfo,

sábio eterno, ~~eterno,~~ pesquisador de símbolo e da metáfora, homem.

- IV -

Eis que ele agora arroja no espaço sua primeira estrela.

Uma raiz fecunda nos abismos, um deslumbramento explode no universo.

Nova força propulsora envia a nave para cima e a sustenta.

Instrumentos nos falam do infinito e nos explicam.

Outros pioneiros rondam os astros e os planetas, observam,

enviam informes e mensagens, abrem as rotas do desconhecido.

Uma competição da glória tem início: há um espanto que aflige,

um estremecimento, um hino majestoso, uma emoção,

um susto e uma euforia, uma confiança e uma inquietude.

Nosso engenho prescreve a treva, viaja às origens,

sobe aos céus e desce, vem pousar em nosso chão.

Há um confronto de heróis, de homens sem limites.

Gagarin viaja solitário nas alturas, contempla a Terra,

diz que tudo é belo e as cores são intensas,

o planeta é luminoso, mais próximas as estrêlas.
Leonov deixa a concha aérea, flutua no espaço,
exclama que o por do sol é deslumbrante,
a claridade ofusca, o azul é profundo e intenso.
Um homem caminha, finalmente, no espaço sideral, no infinito.
Começamos a voltar à nossa origem, somos imortais,
nossa esperança é eterna, somos humanos. Nasceremos.

AS MÃOS DA INQUIETUDE

minha alma estremese em suas mãos, brancas e inquietas.
Eu as toco, como se fossem minhas, sinto correr seu sangue,
entre veias e ossos, carne e músculo, caminhos vitais.
Foram tenras na infância, de frágil espessura;
tocaram tantos objetos, sem pesá-los ou medí-los.
Depois tiveram um piano de branco marfim e cordas tensas,
e sua sonoridade começou a penetrar seus sentidos indistintos.
Mais tarde os sons se foram distinguindo em seu espírito;
as primeiras harmonias provocaram mais encanto do que vozes
e palavras com o sentido que as crianças esclarecem, entre si.
Veio, depois, o enlace das idéias e dos sons, a decifração das pautas,
a compreensão dos acordes e da cadência, a forma mais nítida,
a impressão mais lógica, se bem que imprecisa, o ritmo mais firme,
seduzindo os sentidos e as idéias, agora mais abertas e serenas.
Foi quando suas mãos, correndo o tempo, alcançaram sua dimensão completa,
os ossos ordenados, os músculos fixados, pronta a anatomia.
Não pararam de crescer as ansiedades, a imaginação, as descobertas,
o estremecimento e as conjecturas. Não ~~param~~^{pararam} o imprevisível,
o inefável e o incorpóreo, o desassossego das escolhas,
as virtudes que se expandem, o entendimento e a vontade.

Incertas são as mãos, inesperados seus caminhos, tenazes e sofridos.
Há mãos que tentam o subterfúgio e o equívoco,
há mãos vorazes e que agriem se as neve a intolerância.
Suas mãos, meu bem, são cúmplices do sonho, tocam o indefinível
e dele faz nascer a melodia, criam uma força latente,
uma torção que estremece, uma substância pressentida,
maneja um mundo dátil, flutuam no evanescente,
alcançam uma atmosfera de beleza integral, sem mácula e sem culpa.
Quando as toco, essas claras mãos, meus sentidos param, tensos,
e se agitam no êxtase infinito da carícia e do desejo.

Nelas recoste minha fronte e sinto uma inércia doce.
 Nelas apaziguam meus tormentos, aquietam-se minha alma,
 como dádiva e dependência; a dúvida desliza, escapa e cai.
 Nelas decifro o incerto, minha qualidade é clara e nítida.
 Estas mãos, que eu beijo, toco e afago, nunca me recusem,
 prontas para curar a febre e a insegurança, generosas, íntimas.
 Quero que segurem minha derradeira esperança, mantenham esta fé,
 modelando em ato e gesto este anseio que não morre, e que palpita.

Em duzentos milhões de anos é calculada nossa idade.
Fomos, no início, um ser zoológico, feroz e rude.
O homem sábio, dotado de reflexão e o poder do pensamento,
este surgiu mais tarde, pronto para criar um tempo novo.
Aparece nos confins da Ásia, no período peleolítico;
mora nas cavernas, nos abrigos sob a rocha, procura meios de ação.
Com o passar dos tempos, lentamente, torna-se melhor, mais forte.
Condições propícias o fazem mais perfeito e harmonioso,
com vontade criadora, inteligência ativa e mais audaz,
espírito racional, capaz de deduzir e manejar um mundo dútil.
Depois, na civilização da pedra-nova, que chamam neolítica,
aprende a polir, torna-se pastor, domestica os animais,
faz-se agricultor, desbrava as matas, transpõe os rios,
seleciona espécies vegetais, lavra a terra, planta sementes,
constrói cabanas e moradias mais sólidas para abrigo.
Torna-se gregário, forma sociedades, prepara sua defesa,
organiza-se para as guerras e o trabalho, exercita os metais,
utiliza o cavalo em seus ofícios e viagens, amplia sua ação.
Usa a roda e o ferro, fabrica utensílios e armamentos.
As raças passam a misturar-se. Há migrações e guerras de invasão.
Civilizações mais fortes começam a se impor,
enquanto o homem traça as rotas, vaga em nomadismo,
vai, depois, buscar as regiões de caça e pesca,
persegue as manadas de animais bravios, que ele submete.
Começa a plantar, fixa-se na terra, colhe os alimentos,
faz a primeira liga. Do cobre e do estanho tira o bronze,
da tosa dos animais e do mundo vegetal retira as fibras têxteis,
e com elas tece as vestimentas, faz abrigos contra o frio.
Cria depois sistemas econômicos, expande as trocas,
amplia o comércio e as conquistas do conhecimento e da cultura.
Começa a forjar impérios, avança seu domínio em toda a parte.

- II -

De seres circunstanciais, arcaicos e transitórios,
surge uma figura de qualidade mais sensível e ordenada.
Adquire uma potência estável, duradoura.

De um todo incoerente e amorfo, inarticulado e rude,
emerge um ser mais denso, de sangue ardente,
com força consciente, ação mais criadora e fértil,
capaz de impor costumes depurados, instituições estáveis,
sistemas e conceitos, regimes, cultura e ideologia.

Gera contrastes de grandeza e de miséria, de guerra e paz.
Mas faz a história avançar, a terra amadurece sob sua sombra,
a vigorosa marca de seus pés e mãos, de sua força soberana.
Em todas as latitudes e distâncias realiza o temerário,
satura a vida de seu arrojo e sua inquietude.

Submete e transforma, impõe sua vontade, ergue impérios,
e neles se sepulta, como um monumento.

Estende a cronologia eterna: Egito, Assíria, Babilônia,
Hebréia, Fenícia, o Império Medo-Persa, o caminho das Índias,
Grécia, Roma, Idade Média, Renascença, nossos dias.

- III -

Inventa os instrumentos de pesquisa, cria a Astronomia,
~~começa a~~ ^{le o decifra} explora o universo, Seu olhar é fascinado,
rompe as conjecturas e os axiomas, começa outra conquista.

Traça caminhos de glórias: Brahe, Kepler, Newton,
Galilei, sábios e pesquisadores, pioneiros e inventores.
Conhece o mundo e suas leis fundamentais, ^{desvenda} ~~decifra~~ o abismo,
e neles se projeta, a verdade antecipada.

Desloca-se por seus próprios meios, move-se nos rios e oceanos,
e avança, arroja nos espaços sua gloriosa sombra,
sobe nas alturas, rasga o vento, traça caminhos no ar,
barqueiro sideral, ~~piloto da aurora~~, desdobridor de estrelas e planetas.
Conquistador alado, habitante dos ventos e das vagas,
leva adiante ^{sua} ~~uma~~ mensagem, transporta seu triunfo,
sábio eterno, pesquisador do símbolo e da metáfora. Homem.

CRONOLOGIA HUMANA

- I -

Em duzentos milhões de anos é calculada nossa idade.
Fomos, no início, um ser zoológico, feroz e rude.
O homem sábio, dotado de reflexão e o poder do pensamento,
este surgiu mais tarde, pronto para criar um tempo novo.
Aparece nos confins da Ásia, no período pleistoceno;
mora nas cavernas, nos abrigos sob a rocha, procura meios de ação.
Com o passar dos tempos, lentamente, torna-se melhor, mais forte.
Condições propícias o fazem mais perfeito e harmonioso,
com vontade criadora, inteligência ativa e mais audaz,
espírito racional, capaz de deduzir e manejar um mundo dútil.
Depois, na civilização da pedra-nova, que chamam neolítica,
aprende a polir, torna-se pastor, domestica os animais,
faz-se agricultor, desbrava as matas, transpõe os rios,
seleciona espécies vegetais, lavra a terra, planta sementes,
constrói cabanas e moradias mais sólidas para abrigo.
Torna-se gregário, forma sociedades, prepara sua defesa,
organiza-se para as guerras e o trabalho, exercita os metais,
utiliza o cavalo em seus ofícios e viagens, amplia sua ação.
Usa a roda e o ferro, fabrica utensílios e armamentos.
As raças passam a misturar-se. Há migrações e guerras de invasão.
Civilizações mais fortes começam a se impor,
enquanto o homem traça as rotas, vaga em nomadismo,
vai, depois, buscar as regiões de caça e pesca,
persegue as manadas de animais bravios, que ele submete.
Começa a plantar, fixa-se na terra, colhe os alimentos,
faz a primeira liga. Do cobre e do estanho tira o bronze,
da tosão dos animais e do mundo vegetal retira as fibras têxteis,
e com elas tece as vestimentas, faz abrigos contra o frio.
Cria depois sistemas econômicos, expande as trocas,
amplia o comércio e as conquistas do conhecimento e da cultura.
Começa a forjar impérios, avança seu domínio em toda a parte.

- II -

De seres circunstanciais, arcaicos e transitórios,
 surge uma figura de qualidade mais sensível e ordenada.
 Adquire uma potência estável, duradoura.
 De um todo incoerente e amorfo, inarticulado e rude,
 emerge um ser mais denso, de sangue ardente,
 com força consciente, ação mais criadora e fértil,
 capaz de impor costumes depurados, instituições estáveis,
 sistemas e conceitos, regimes, cultura e ideologia.
 Gera contrastes de grandeza e de miséria, de guerra e paz.
 Mas faz a história avançar, a terra amadurece sob sua sombra,
 a vigorosa marca de seus pés e mãos, de sua força soberana.
 Em todas as latitudes e distâncias realiza o temerário,
 satura a vida de seu arrojo e sua inquietude.
 Submete e transforma, impõe sua vontade, ergue impérios,
 e neles se sepulta, como um monumento.
 Estende a cronologia eterna: Egito, Assíria, Babilônia,
 Hebréia, Fenícia, o Império Medo-Persa, o caminho das Índias,
 Grécia, Roma, Idade Média, Renascença, nossos dias.

- III -

Inventa os instrumentos de pesquisa, cria a Astronomia,
 começa a explorar o universo. Seu olhar é fascinado,
 rompe as conjecturas e os axiomas, começa outra conquista.
 Traça caminhos de glórias: Brahe, Kepler, Newton,
 Galilei, sábios e pesquisadores, pioneiros e inventores.
 Conhece o mundo e suas leis fundamentais, decifra o abismo,
 e neles se projeta, a verdade antecipada.
 Desloca-se por seus próprios meios, move-se nos rios e oceanos,
 e avança, arroja nos espaços sua gloriosa sombra,
 sobe nas alturas, rasga o vento, traça caminhos no ar,
 barqueiro sideral, piloto da aurora, desdobridor de estrelas e planetas.
 Conquistador alado, habitante dos ventos e das vagas,
 leva adiante ^{sua} ~~uma~~ mensagem, transporta seu triunfo,
 sábio eterno, pesquisador do símbolo e da metáfora. Homem.

CRONOLOGIA HUMANA

- I -

Em duzentos milhões de anos é calculada nossa idade. Fomos, no início, um ser zoológico, feroz e rude. O homem sábio, dotado de reflexão e o poder do pensamento, este surgiu mais tarde, pronto para criar um tempo novo. Aparece nos confins da Ásia, no período pleistocénico; mora nas cavernas, nos abrigos sob a rocha, procura meios de ação. Com o passar dos tempos, lentamente, torna-se melhor, mais forte. Condições propícias o fazem mais perfeito e harmonioso, com vontade criadora, inteligência ativa e mais audaz, espírito racional, capaz de deduzir e manejar um mundo dútil. Depois, na civilização da pedra-nova, que chamam neolítica, aprende a polir, torna-se pastor, domestica os animais, faz-se agricultor, desbrava as matas, transpõe os rios, seleciona espécies vegetais, lavra a terra, planta sementes, constrói cabanas e moradias mais sólidas para abrigo. Torna-se gregário, forma sociedades, prepara sua defesa, organiza-se para as guerras e o trabalho, exercita os metais, utiliza o cavalo em seus ofícios e viagens, amplia sua ação. Usa a roda e o ferro, fabrica utensílios e armamentos. As raças passam a misturar-se. Há migrações e guerras de invasão. Civilizações mais fortes começam a se impor, enquanto o homem traça as rotas, vaga em nomadismo, vai, depois, buscar as regiões de caça e pesca, persegue as manadas de animais bravios, que ele submete. Começa a plantar, fixa-se na terra, colhe os alimentos, faz a primeira liga. Do cobre e do estanho tira o bronze, da tosa dos animais e do mundo vegetal retira as fibras têxteis, e com elas tece as vestimentas, faz abrigos contra o frio. Cria depois sistemas económicos, expande as trocas, amplia o comércio e as conquistas do conhecimento e da cultura. Começa a forjar impérios, avança seu domínio em toda a parte.

- II -

De seres circunstanciais, arcaicos e transitórios,
surge uma figura de qualidade mais sensível e ordenada.
Adquire uma potência estável, duradoura.
De um todo incoerente e amorfo, inarticulado e rude,
emerge um ser mais denso, de sangue ardente,
com força consciente, ação mais criadora e fértil,
capaz de impor costumes depurados, instituições estáveis,
sistemas e conceitos, regimes, cultura e ideologia.
Gera contrastes de grandeza e de miséria, de guerra e paz.
Mas faz a história avançar, a terra amadurece sob sua sombra,
a vigorosa marca de seus pés e mãos, de sua força soberana.
Em todas as latitudes e distâncias realiza o temerário,
satura a vida de seu arrojo e sua inquietude.
Submete e transforma, impõe sua vontade, ergue impérios,
e neles se sepulta, como um monumento.
Estende a cronologia eterna: Egito, Assíria, Babilônia,
Hebréia, Fenícia, o Império Medo-Persa, o caminho das Índias,
Grécia, Roma, Idade Média, Renascença, nossos dias.

- III -

Inventa os instrumentos de pesquisa, cria a Astronomia,
começa a explorar o universo. Seu olhar é fascinado,
rompe as conjecturas e os axiomas, começa outra conquista.
Traça caminhos de glórias: Brahe, Kepler, Newton,
Galilei, sábios e pesquisadores, pioneiros e inventores.
Conhece o mundo e suas leis fundamentais, decifra o abismo,
e neles se projeta, a verdade antecipada.
Desloca-se por seus próprios meios, move-se nos rios e oceanos,
e avança, arroja nos espaços sua gloriosa sombra,
sobe nas alturas, rasga o vento, traça caminhos do ar,
barqueiro sideral, piloto da aurora, desdobridor de estrelas e planetas.
Conquistador alado, habitante dos ventos e das vagas,
leva adiante ^{Sua} ~~uma~~ mensagem, transporta seu triunfo,
sábio eterno, pesquisador do símbolo e da metáfora. Homem.